

OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU
Nº585
De 5 a 19 de
março de 2020
Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores
Quarta Internacional

BOLSONARO CONVOCA
ATO PARA IMPOR DITADURA

DITADURA
NUNCA MAIS!

FORA
BOLSONARO
E MOURÃO!



páginadois

CHARGE



Falou Besteira



**Empregada doméstica
indo para a Disneylândia,
uma festa danada**

PAULO GUEDES, ministro da Economia, dizendo que o dólar alto é "bom para todo mundo". Ele disse que o dólar mais barato estava permitindo que todos pudessem ir à Disneylândia, até empregada doméstica.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Jorge H. Mendoza

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

Lula diz que é contra o impeachment de Bolsonaro



Em viagem pela Europa, o ex-presidente Lula disse a um jornal suíço que é contra a apresentação de pedido de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. "Eu tenho alertado o PT ter paciência, porque nós temos que esperar quatro anos", disse. "A não ser que ele [Bolsonaro] cometa um ato de insanidade,

cometa um crime de responsabilidade, a gente então possa fazer o impeachment dele, mas se não fizer isso, nós não podemos achar que nós podemos derrubar um presidente porque não gostamos dele. Não podemos", declarou. Enquanto Lula fala para esperar até 2022, o governo tenta aprovar a reforma adminis-

trativa e privatizar a Petrobras e a Eletrobrás, ameaça as liberdades democráticas com seu projeto de ditadura, diz que vai implementar a carteira verde e amarela (aquele que deixa o trabalhador sem nenhum direito), espalha as milícias por todo canto do país... Ainda vai existir um país até 2022?

O mentiroso

Jair Bolsonaro fez uma live semanal para voltar atrás e mentir sobre o vídeo que disparou no WhatsApp convocando para manifestações contra o STF e o Congresso. O mentiroso disse que o vídeo era de 2015, e não deste ano. Mas nem mentir direito Bolsonaro sabe. Imediatamente a jornalista Vera Magalhães o desmentiu. Ela mostrou que o vídeo tem cenas da facada que de Bolsonaro sofreu em 2018, durante a campanha das eleições presidenciais. "Como podem ser de 2015?", questionou.



CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



NOSSAS SEDES

NACIONAL

Av. 9 de Julho, N° 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ

MACAPÁ | Avenida Mendonça Furtado, 101-B. Bairro Central
CEP - 68900-060

AMAZONAS

MANAUS | Rua Costa Azevedo, n° 11, salas 101 e 102. Centro. Manaus
CEP: 69010-230

BAHIA

ALAGOINHAS | Tel. (75) 9.9130-7207

FEIRA DE SANTANA |

Tel. (75) 9.8265-5363

ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522

(73) 9.8861-3033

SALVADOR | (71) 9.9133-7114

www.facebook.com/pstubahia

SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ |

Tel. (71) 9.9172-81

CEARÁ

FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, N°710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701

IGUATU | R. Ésio Amaral, N° 27.

Jardim Igatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA | SCS - Setor Comercial Sul, Quadra 1, Bloco G, Edifício Baracat, Sala 307, Asa Sul, Brasília, DF.
CEP: 70309-900.

ESPIRITO SANTO

VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716

(27) 9.8158-3498

pstuviitoria@gmail.com

GOIÁS

GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO

SÃO LUÍS | Luís Rocha, 1612

Bairro Liberdade

MATO GROSSO DO SUL

TRÊS LAGOS | R. Paranaíba, N° 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE | Av. Amazonas, N° 491, sala 905. Centro.
CEP: 30180-001

Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com

CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, N° 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg

CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, N° 5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693

ITAJUBÁ | R. Renó Junior, N° 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010

JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, N° 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554 pstu16juizde-fora@gmail.com

MARIANA | R. Monsenhor Horta, N° 50A, Rosário. www.facebook.com/pstu.mariana.mg

MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, N° 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971

PATROCÍNIO | R. Quintiliano Alves, N° 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113

SÃO JOSÉ DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, N° 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA | R. Tristão de Castro, N°127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499

UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, N° 558 (frente).
Luizete de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ

BELÉM | Travessa das Mercês, N°391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA

JOÃO PESSOA | R. Escritor Orriz Soares, N° 81, Castelo Branco
CEP 58050-090

PARANÁ

CURITIBA | Tel. (41) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO

REFICE | R. do Sossego, N°220, Térreo.
Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ

TERESINA | R. Desembargador Freitas, N° 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www.pstuapi.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171

DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, N° 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679

MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649

NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, N° 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991

NOVA FRIBURGO | R. Guarani, N° 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616

NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, N° 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679

RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, N° 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br

SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, N°107, casa 8. Alcântara.

VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, N° 43, sala 202. Aterrado. Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, N° 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216

NATAL | R. Princesa Isabel, N° 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290

(84) 9.8783-3547 [OI]

(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL

ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817
CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965

GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842

PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, N° 432, 2º andar. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com

PORTO ALEGRE | R. Luís Afonso, N° 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 9.9804-7207
pstuguaço.blogspot.com

SANTA CRUZ DO SUL | Tel. (51) 9.9807-1772

SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstsm@outlook.com

RONDÔNIA

PORTO-VELHO | Tel: (69) 4141-0033
Cel 699 9238-4576 (whats)
psturondnia@gmail.com

RORAIMA

BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA

BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586

CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489

FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, N°17, 2º andar. Centro.

Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com

JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstujoinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO

ABC | Av Pedro da Alcântara, 381. Vila São Pedro. SBC. Tel/Zap: 97777-0416

BAURU | R. 1º de Agosto, N° 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272

CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, N° 205. Jd. Metanópolis. Tel. (19) 9.8270-1377

www.facebook.com/pstucampinas;

www.pstucampinas.org.br

DIADIEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marlene. Tel: (11) 942129558
(11) 967339936

GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871

MARILIA | Tel. (14) 9.8808-0372

OSASCO | Tel. (11) 9.9899-2131

SANTOS | R. Silva Jardim, N° 343, sala 23. Vila Matias.

Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117

SÃO CARLOS | (16) 3413-8698

SÃO PAULO [Centro] | Praça da Sé, N° 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604

SÃO PAULO [Leste] | (11) 9.8218-9196
(11) 99365-9851

SÃO PAULO [Oeste - Lapa] | R. Alves Branco, N° 65.

SÃO PAULO [Oeste - Brasilândia] | R. Paulo Garcia Aquilino, N° 201.

SÃO PAULO [Sul - Capão Redondo] | R. Miguel Aza, N° 59. Tel: (11) 9.4041-2992

SÃO PAULO [Sul - Grajaú] | R. Louis Daquin, N° 32.

SÃO CARLOS | Tel. (16) 9.9712-7367

S. JOSÉ DO RIO PRETO | Tel. (16) 9.8152-9826

S. JOSÉ DOS CAMPOS | R. Romeu Carnevali, N°63, Piso 1. Bela Vista.

(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE

ARACAJU | Travessa Santo Antonio, 226, Centro. CEP 49060-730.

Tel. (79) 3025-3530

FORA BOLSONARO E MOURÃO

Ditadura nunca mais!



Bolsonaro defendeu e convocou pessoalmente, por WhatsApp, uma manifestação de rua pelo fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF), ou seja, um golpe militar e a instalação de uma ditadura, na qual ele governa sozinho, apoiado nas Forças Armadas e na minoria que concorda com ele. Isso para impor um projeto de ditadura e escravidão (desemprego, exploração, entrega do país, destruição do meio ambiente e barbárie), em benefício dos Estados Unidos, de Trump e do 1% de bilionários brasileiros.

OS TRABALHADORES PRECISAM DEFENDER AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

Todos nós temos raiva desse Congresso e do STF, que não fazem outra coisa a não ser aprovar todas as reformas de Bolsonaro, Guedes e Mourão contra nós. Os três poderes governam a favor dos ricos e contra os de baixo todos os dias. Nisso estão todos juntos. Nós queremos

EPIDEMIA

O Brasil está preparado para o coronavírus?



DA REDAÇÃO

Quando fechávamos esta edição, o Ministério da Saúde registrava dois casos confirmados de coronavírus e outros 433 casos suspeitos em todo o país. Pelo mundo, o número de pessoas afetadas totalizou 88.257, incluindo 2.996 mortes em 66 países e territórios. A China, onde a epidemia apareceu no final de dezembro, registrou 79.824 casos, incluindo 2.870 mortes.

No resto do mundo, até o dia 1º de março, foram registrados 8.433 casos, com 126 mortos. Os países mais afetados depois da China são a Coreia do Sul (3.736 casos, dos quais 586 são novos, com 18 mortes); a Itália (1.694 casos, dos quais 566 são novos, com 34 mortes); Irã (978 casos, dos quais 385 são novos, com 54 mortes); e Japão (239 casos, dos quais 9 são novos, com 12 mortes).

A doença se caracteriza pela transmissão entre seres humanos e um período de incubação de cerca de duas semanas antes de se manifestar. A taxa de mortalidade é baixa, de cerca de 2%. O que tem preocupado muitos cientistas é o fato de a doença se espalhar rápido e ter potencial para infectar um grande número de pessoas. Assim, se o vírus contaminar 200 mil pessoas, por exemplo, ele tem o potencial de provocar 4 mil mortes.

Neste momento, não há uma vacina disponível, nem sequer existe uma previsão. Por todos esses motivos, cientistas e autoridades da saúde pública veem com preocupação a proliferação do novo vírus.

CAOS DA SAÚDE PÚBLICA

É evidente que o sucateamento da saúde pública brasileira deixa a população mais pobre vulnerável a uma potencial proliferação do vírus. “O sistema não está bom. O SUS já está trabalhando além do limite, está so-



brecarregado e com uma falta de recursos que deve ser agravada com a diminuição do orçamento da Saúde. Em muitos estados, não há governos primando por investimentos na área”, escreveu Cláudia Collucci, especialista em saúde, em artigo ao jornal Folha de S.Paulo.

Não faltam motivos para se preocupar. O já reduzido orçamento da Saúde teve um corte de R\$ 9 bilhões em relação a 2019. Isso é consequência do congelamento dos gastos na área social por 20 anos conforme deliberado na Emenda Constitucional 95. Esse dinheiro é tirado da saúde pública para ir direto aos bolsos dos banqueiros, detentores da falsa dívida pública.

O desmonte dos serviços públicos tende a continuar devido à irresponsabilidade e ao descaso dos governos de plantão, defensores incondicionais das políticas de austeridade fiscal que já estão acelerando o sucateamento do SUS. A austeridade fiscal traz como consequência o desmonte das equipes de saúde, o desprezo da vigilância e a despreocupação com estoques de medicamentos e vacinas pelo Ministério da Saúde e pelas secretarias estaduais de saúde.

O principal prejudicado com isso é o povo pobre e trabalhador que depende do SUS para

atendimento e prevenção, pois a saúde privada é cara e não tem nenhum foco em prevenção. No entanto, até a classe média e os privilegiados acabam sendo atingidos pelo desmonte do SUS, particularmente no que diz respeito a doenças infecciosas e transmissíveis.

Em 2009, o Brasil enfrentou a gripe H1N1, cujo resultado foram muitos mortos, prontos socorros lotados, longas filas de espera, testes sorológicos não disponíveis e UTIs lotadas.

OUTRAS EPIDEMIAS

Um dos reflexos do sucateamento do SUS é a explosão de outras epidemias, como o sarampo e a dengue. No ano passado, o Brasil registrou mais de 4.500 casos confirmados de sarampo em 19 estados. O número representa um aumento de 13% em relação ao último monitoramento. Quanto à dengue, ao menos 57.485 casos foram notificados ao Ministério da Saúde em 2020. No ano passado, os casos de dengue aumentaram 600%, com 591 mortes, de janeiro até 24 de agosto.

A eventual chegada do novo coronavírus ao Brasil se somará a essas epidemias e também às gripes e pneumonias que já matam por ano mais de 80 mil pessoas.

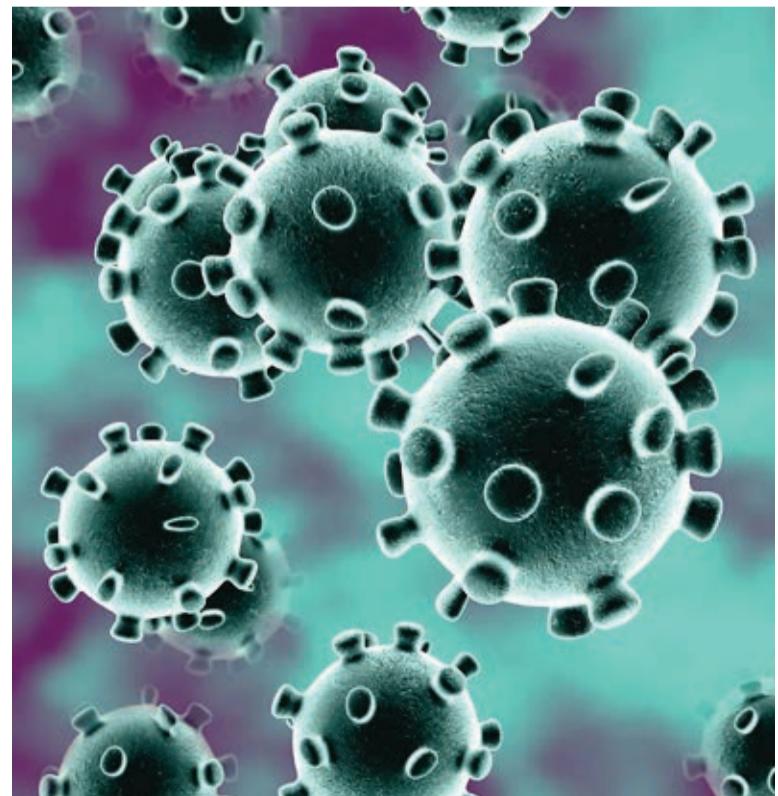
SAIBA MAIS

Origem do vírus

Não se sabe exatamente a causa do novo surto. A suspeita é de que a destruição ambiental, associada a feiras para animais selvagens em Wuhan, região da China na qual o vírus surgiu, possa estar relacionada à origem.

Essa suspeita faz sentido. Já se sabe há algum tempo que a destruição das florestas para a implantação de monoculturas intensivas permite a proliferação de novos vírus. A floresta ajuda a manter os vírus potencialmente perigosos sob controle, longe dos humanos. O desmatamento, porém, permite que muitos vetores (animais e insetos) possam propagar os vírus para as cidades.

Um exemplo é o surto de ebola no Congo. Há suspeitas de que a malária – que mata mais de um milhão de pessoas por ano, transmitida por mosquitos, ande de braços dados com o desmatamento. Eles também temem que as florestas do nosso planeta originem à próxima pandemia. Desse modo, a busca interminável de lucro pelo capital exerce um poder destrutivo sobre o meio ambiente que se volta de maneira mortal a milhares de pessoas que sequer moram perto de uma floresta.



CAPITALISMO

O impacto na economia mundial

MARCOS MARGARIDO
DE CAMPINAS (SP)

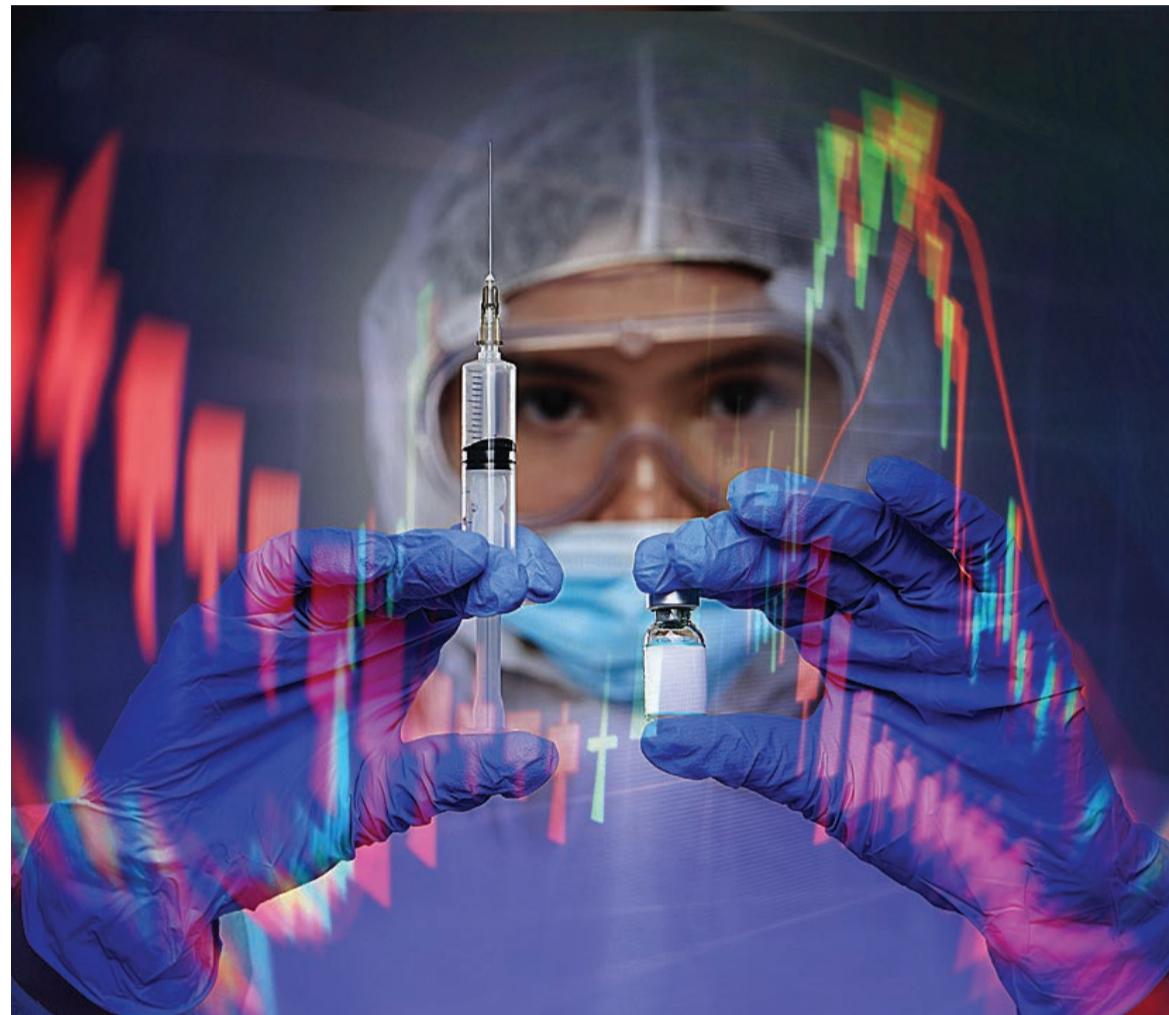
Baseada no impacto do vírus até agora, a Oxford Economics fez uma previsão de queda do crescimento econômico da China, medido pelo PIB, de 6,1% em 2019 para 5,6% este ano. Isso, por sua vez, reduziria o crescimento econômico mundial em 0,2%, em 2020, para uma taxa anual de 2,3% – o ritmo mais lento desde a crise econômica mundial de uma década atrás.

Isso acontece logo após uma trégua na guerra comercial imposta pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que prometia dar uma folga, tanto à economia chinesa quanto à produção agrícola estadunidense, com a promessa de importação de milhões de toneladas de grãos pela China. Isso agora deve ser revisto, gerando problemas nos próprios EUA.

Ninguém sabe quanto tempo durará o surto de coronavírus,

até que ponto se espalhará ou quantos morrerão, mas a tendência ainda é crescente. A presença da economia chinesa no mercado mundial significa que o impacto econômico do atual surto provavelmente excederá o do SARS em 2002. As mudanças na divisão mundial do trabalho, com a introdução da cadeia de valores, na qual um produto depende de componentes produzidos em todo o mundo, formando uma espécie de pirâmide de produção, colaboram com isso. A paralisação da produção de um componente na China pode levar à paralisação de várias fábricas espalhadas pelo mundo.

Isso já pode estar acontecendo. A Apple, que obtém cerca de um sexto de suas vendas da China, anunciou que fecharia suas 42 lojas no país. A Walmart compra grandes volumes de seus produtos de fábricas chinesas enquanto opera 430 lojas no país, inclusive em áreas fechadas por quarentena, com horário de funcionamento reduzido.



NO BRASIL

“Estou adorando”, diz o Rei das Bolsas



O capitalismo aproveita a desgraça alheia para ganhar dinheiro. O coronavírus provocou a queda das bolsas de valores em todo o mundo. Trata-se de um movimento totalmente especulativo que faz um punhado de gente ganhar muito dinheiro.

Na quarta-feira de cinzas,

26 de fevereiro, dia em que as empresas brasileiras amargaram prejuízo de R\$ 290,2 bilhões em valor de mercado na Bolsa de São Paulo, o investidor Luiz Barsi disse: “Estou adorando a queda das ações.” Apelidado de “Rei da Bolsa”, ele passou o dia vasculhando o que chama de “oportunida-

des” e, no final do pregão, havia descarregado mais de R\$ 10 milhões em cerca de 1 milhão de ações de empresas.

Tudo isso mostra a necessidade de destruir esse sistema podre que fatura bilhões com a desgraça do povo, enquanto arrasa o sistema de saúde pública e condena milhões à morte.

CIÊNCIA

Brasileiras lideraram sequenciamento do novo coronavírus em apenas 48 horas

Cientistas brasileiros da Universidade de São Paulo (USP) e do Instituto Adolfo Lutz fizerem o sequenciamento genético do novo coronavírus apenas 48 horas depois de confirmado o primeiro caso da doença no Brasil. Esse tipo de informação colabora com o desenvolvimento de vacinas e testes diagnósticos, além de ajudar a entender como o vírus está se dispersando pelo mundo.

Duas mulheres estiveram à frente do sequenciamento. Ester Sabino é diretora do Instituto de Medicina Tropical (IMT) da USP e coordenadora do Centro Conjunto Brasil-Reino Unido para Descoberta, Diagnóstico, Genética e Epidemiologia de Arbovírus (CADDE), que realiza estudos de epidemias de arboviroses, como zika e dengue. Jaqueline Goes de Jesus é pós-doutoranda na Faculdade de Medicina da USP e bolsista da FAPESP. Ela li-

derou a equipe que sequenciou o genoma viral junto com Claudio Tavares Sacchi, responsável pelo Laboratório Estratégico do Instituto Adolfo Lutz.

“Ao sequenciar o genoma do vírus, ficamos mais perto de saber sua origem. Sabemos que o único caso confirmado no Brasil veio da Itália, mas os italianos ainda não sabem a origem do surto na região da Lombardia, pois ainda não fizeram o sequenciamento de suas amostras. Não têm ideia de quem é o paciente zero e não sabem se ele veio diretamente da China ou não”, disse Sabino à Agência Fapesp.

Enquanto isso, Bolsonaro ataca a ciência brasileira e corta dinheiro da educação e da pesquisa científica nas universidades públicas, e o ministro da Educação diz que nas universidades públicas só têm “maconheiro e orgia”.

GOLPE CONTRA O Povo

Reforma administrativa vai acabar com os serviços públicos



PAULO BARELA
DA CSP-CONLUTAS

Bolsonaro e seu ministro da economia, Paulo Guedes, seguem a gana de destruir os direitos dos trabalhadores. Não bastasse a reforma da Previdência, que condena milhões de pessoas a ficarem sem aposentadoria, e a MP-905 da carteira verde e amarela, que joga no lixo os direitos trabalhistas, agora se lançam para aprovar um projeto de reforma administrativa que visa acabar com os serviços públicos e reduzir ainda mais o acesso às mínimas condições de vida de nossa população mais pobre e necessitada.

A reforma é uma caça às bruxas contra o servidor público. Sob o velho e surrado argumento de “reduzir privilégios”, o governo quer, na verdade, acabar com os serviços de saúde, educação,

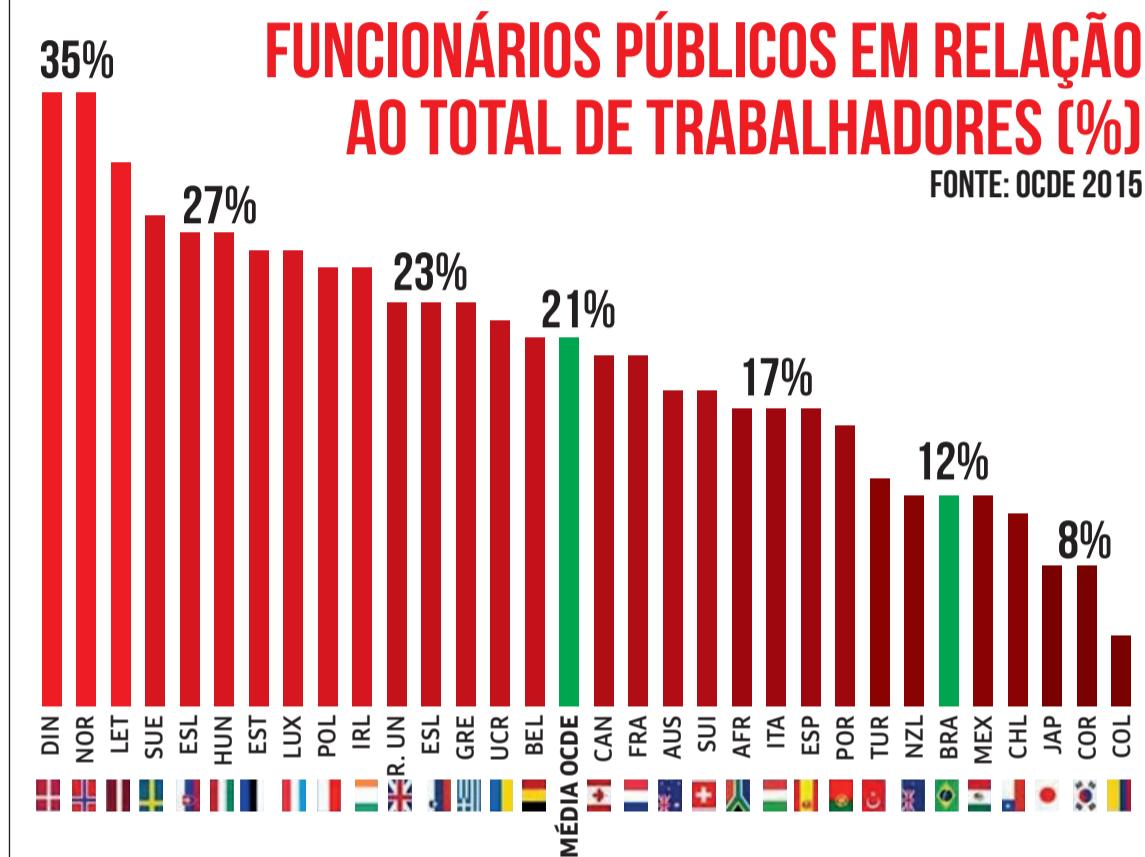
transporte, saneamento básico e programas como o Bolsa Família e outros que atendem a população mais carente. Para isso, pretende demitir e reduzir os salários dos servidores públicos.

Um dos argumentos é que o Brasil tem muitos trabalhadores públicos, mais do que outros países. Mais uma fake news desse governo, que pode ser comprovada no gráfico ao lado que faz a relação entre o número de servidores públicos e o total de trabalhadores em vários países. O Brasil tem um dos menores índices.

Frente ao drama do desemprego, dos salários miseráveis e precarizados, os mais pobres dependem cada vez mais dos serviços prestados pelo Estado para sobreviver. Mas a política quer tirar dinheiro dos serviços para pagar os lucros exorbitantes da dívida pública para banqueiros e rentistas do sistema financeiro.

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS EM RELAÇÃO AO TOTAL DE TRABALHADORES (%)

FONTE: OCDE 2015



VEJA QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS PROPOSTAS DA REFORMA

Desmoralizar os servidores e abrir as portas para o fim dos serviços públicos. Essa é a razão da política de Bolsonaro e Guedes. Veja quais são os principais pontos da reforma administrativa.

1 ACABAR COM A ESTABILIDADE DO SERVIDOR PÚBLICO

Ao contrário do que diz o governo, a estabilidade não é um privilégio para os servidores. Ela busca evitar que estes sejam demitidos por perseguições de qualquer tipo, tanto política quanto religiosa, filosóficas, ideológicas. Se o servidor não estiver protegido dos interesses políticos dos partidos, é muito provável que haja um grande número de demissões injustas em períodos de troca de governo. Há muitos políticos e partidos que ignoram que servidores públicos trabalham para o povo, não para eles. Se não houvesse concurso público e estabilidade, a cada mudança de governo, os políticos demitiriam os trabalhadores para empregar seus cabos eleitorais e apadrinhados.

2 REDUÇÃO DE SALÁRIO E JORNADA

Reducir salários é inconstitucional, mas Bolsonaro quer reduzir na marra os salários de professores, cientistas, profissionais de segurança, da fiscalização, da saúde e da Previdência em quase todas as áreas da administração pública. Menos, é óbvio, nos setores nos quais a indicação é política – ministros, secretários, chefes, supervisores etc. Quer muito menos reduzir os altos salários dos políticos e do alto escalão do Judiciário.

Hoje já existe a opção de o servidor escolher a redução da jornada de trabalho com redução salarial, mas isso é uma decisão que cabe somente ao servidor. A reforma reduz de forma compulsória a jornada e os salários em até 25%.

3 AUMENTAR O TEMPO DE ESTÁGIO PROBATÓRIO

O estágio probatório é o tempo que o funcionário, após ser nomeado em concurso público, é avaliado para saber se é de fato apto à função pública. Após esse período, ele passa a ser um funcionário pleno com todos os direitos inerentes à sua carreira e direitos trabalhistas. A reforma pretende estender esse prazo (ainda sem definição) para, na verdade, não conceder o direito à estabilidade para os novos ingressantes no setor público.

4 REDUZIR O SALÁRIO DE INGRESSO NO SERVIÇO PÚBLICO

A reforma propõe que o salário de ingresso no serviço público seja muito rebaixado.

5 PROIBIR AS PROGRESSÕES E PROMOÇÕES AUTOMÁTICAS

As promoções e progressões, sobretudo as horizontais, são um direito e um incentivo ao desempenho da atividade pública. Por isso existem na Constituição. A reforma vai precarizar as carreiras, fazendo com que o trabalhador público receba o mesmo salário em toda a sua vida.

6 ACABAR COM O REGIME JURÍDICO ÚNICO

Esse regime foi sancionado em 1990 como parte das conquistas dos servidores na Constituição. Ele regula os direitos e deveres do funcionário público e estabelece as normas de conduta. Ao longo dos anos, os governos retiraram vários direitos previstos no regime, mas agora a reforma pretende acabar com o próprio regime, deixando os servidores sem qualquer proteção contra os políticos de plantão.

7 ABRIR AS PORTAS PARA A CONTRATAÇÃO SEM CONCURSO

A reforma quer criar carreirão, cujos servidores serão contratados pela CLT e distribuídos para os órgãos governamentais. Vão abrindo as portas para a contratação sem concurso público e a distribuição de servidores de acordo com o ânimo do governante de plantão.

NÃO CAIA NESSA

Ditadura militar foi corrupta e governou para os ricos



DA REDAÇÃO

Várias mensagens convocando atos em defesa de Bolsonaro, para fechar o Congresso Nacional e pela instauração de uma nova ditadura militar no Brasil argumentam que, com uma ditadura, acabarão a corrupção e a impunidade, as indicações e os privilégios dos políticos, e aumentarão os investimentos em infraestrutura e em setores como saúde e educação. Tudo isso, é óbvio, resgatando a “boa moral” e os valores “patrióticos”.

Isso é mais que “nostalgia”. É uma falsificação tanto do que realmente foi o período inaugurado pelo golpe militar de 1964 quanto o que é de fato o governo Bolsonaro.

Primeiro erro: Se a ideia é dar poderes totalitários a Bolsonaro, por que ele faria o exato contrário do que seu governo vem fazendo no atual regime? As denúncias de corrupção não só se proliferaram no atual governo, como são varridas para debaixo do tapete de forma sistemática (com a ajuda do ministro da Justiça Sérgio Moro), incluindo aí as relações da família com as milícias. Nenhum governo foi tão capacho e submisso aos EUA como o atual, com o desmonte e a entrega das estatais fundamentais para a infraestrutura do país, como a Petrobras e a Eletrobrás. As áreas sociais e os serviços públicos, por sua vez, estão sendo destruídos pelo projeto econômico de Paulo Guedes.

A segunda questão é que esse pessoal que defende intervenção militar mente de forma descarada sobre a ditadura militar. A verdade é que a ditadura foi tão ou mais corrupta quanto os demais governos, atacou os direitos dos trabalhadores e dos mais pobres e governou para banqueiros, grandes empresários e, princi-



palmente, empreiteiras. A diferença é que você não podia nem reclamar.

CORRUPÇÃO DE QUEPE E COTURNO

Não só houve corrupção como ela tem reflexos até hoje. Políticos corruptos, como Paulo Maluf, foram incensados nessa época, galgaram cargos políticos, como a Prefeitura de São Paulo, e encheram os bolsos.

Logo após o golpe, o ditador Castelo Branco criou a Comissão Geral de Investigações (CGI) para supostamente in-

vestigar acusados de corrupção que ele dizia ser “mais grave” que a subversão. Com o AI-5, a comissão ganhou poderes para confiscar bens de corruptos. Em vez de investigar corrupção, ela serviu para perseguir opositores, como Brizola. Já aliados como Sarney e Antônio Carlos Magalhães tiveram denúncias sumariamente arquivadas, sem qualquer investigação.

As grandes empreiteiras que protagonizaram os grandes escândalos de corrupção como o Petrolão ganharam importância

justamente nas relações inescrupulosas com a ditadura.

Só para se ter uma ideia, a Odebrecht pulou da 19ª maior construtora do país em 1971, para o terceiro lugar dois anos depois. Generais e empreiteiras ganharam milhões com obras faraônicas como a Transamazônica. A diferença de hoje é que nada disso podia ser publicado na imprensa ou denunciado.

CONTRA OS POBRES

Ao contrário do que é difundido pelos nostálgicos dos coturnos, a política econômica do governo militar foi completamente subserviente às multinacionais, como as grandes empresas automobilísticas, e aos grandes bancos estrangeiros. Resultado: explosão da dívida externa, hiperinflação e, ao término desse período, o avanço da carestia e uma piora profunda nas condições de vida da classe trabalhadora.

Direitos históricos, como a estabilidade no emprego, foram retirados pelos militares, que o substituíram pelo

Impunidade continua

Passados quase 56 anos do golpe de 1964, o que permite e ajuda a ter gente que ainda defende esse regime é o fato de os ditadores, torturadores e assassinos terem permanecido impunes. É uma ferida em nossa história que continua aberta, e em parte pelo fato de os governos do PT terem se negado a abrir os arquivos da ditadura e rever a lei da Anistia que garantiu impunidade aos criminosos.

Por isso que hoje Bolsonaro se sente à vontade para elogiar torturador e retroceder na Comissão da Anistia e demais avanços conquistados com a luta pela memória e justiça.

atual FGTS em 1967.

Nos anos de ditadura, houve uma explosão da desigualdade social. O velho ministro da Economia, Delfim Netto, dizia que era preciso fazer o bolo crescer para depois reparti-lo. A verdade é que o bolo cresceu e nunca foi dividido. Os 10% mais ricos detinham 38% da renda em 1960. Em 1980, chegaram a ter 51%. Já os mais pobres, que tinham 17% da renda nacional em 1960, passaram a ter apenas 12% vinte anos depois.

ENTREGUISMO

O regime militar foi totalmente entreguista e sempre jogou a favor do capital estrangeiro e das multinacionais. O golpe de 1964 ocorreu com a ajuda dos Estados Unidos, que organizaram e até deslocaram tropas para a costa brasileira. A ditadura abriu a Amazônia para a exploração das mineradoras estrangeiras, como fez no Projeto Carajás. Deu isenção de até 100% nos impostos para empresas que comprassem terras na Amazônia.

GOLPE CONTRA O Povo

Bolsonaro quer golpe para Fora Bolsonaro e Mourão

O governo Bolsonaro tem um projeto de ditadura para o Brasil. Isso é o que está por trás dos atos convocados por ele e seus defensores contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF). Com isso, ele não quer só atingir Rodrigo Maia (DEM) e o Legislativo, cujo projeto econômico compartilha. O verdadeiro alvo é o direito da classe trabalhadora de se organizar, expressar e lutar. Veja por que precisamos lutar contra esse ataque e pôr em marcha um movimento que crie as condições para colocar para fora Bolsonaro e seu governo.

PROJETO AUTORITÁRIO

Por que Bolsonaro quer acabar com as liberdades democráticas?

Bolsonaro e grande parte de seus apoiadores estão convocando manifestações que têm como principais bandeiras o fechamento do Congresso Nacional e do STF. Em inúmeros vídeos e imagens espalhadas por suas redes, defendem de forma escancarada um regime militar mentindo ao dizer que isso acabaria com a corrupção, os privilégios dos políticos e demais reivindicações legítimas de grande parte da população (leia mais na página 7).

Isso não pode ser visto como mais uma bravata sem importância. É evidente que existem fins eleitorais aí, assim como uma chantagem em torno à disputa do Orçamento, além de ele querer lançar uma cortina de fumaça em torno do envolvimento com o miliciano Adriano da Nóbrega, executado pela polícia na Bahia. Mas nada disso diminui a gravidade do que Bolsonaro fez. Esse seu movimento expressa um projeto político deste governo. Se não for combatido, se não houver reação, pode gerar-se uma dinâmica que abra



caminho para o fechamento do regime mais adiante e, por fim, dos nossos direitos democráticos. Ou seja, é uma provocação e uma situação de extrema gravidade que precisa de uma resposta à altura.

A SENHA DE HELENO

As manifestações foram convocadas após a divulgação de

uma fala do general Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), em que o militar acusa a Câmara de tentar acuar o governo com o chamado “Orçamento impositivo”. O mecanismo que tramita no Congresso, que era defendido pelo próprio Bolsonaro quando deputado, transfere ao Congresso R\$ 30 bilhões dos cerca de R\$

80 bilhões que o Governo Federal teria para investir. Ou seja, uma disputa por grana em meio à crise econômica, um brutal ajuste fiscal aplicado e defendido tanto pelo Executivo quanto pelo Legislativo, num ano eleitoral.

Diante dessa briga, Helo acusou a Câmara de “acuar” o governo. “*Não podemos aceitar esses caras chantageando a gente, f...*”, disse em áudio vazado de uma transmissão do próprio Bolsonaro. Helo defendeu que Bolsonaro convoque “o povo às ruas” em defesa do governo. Immediatamente, começou a circular a convocação golpista pedindo ditadura com as imagens de Helelo, Bolsonaro e militares de forma geral. O governo não só não desautorizou essas mensagens, como o próprio Bolsonaro repassou a convocação conforme mostrou o jornal Estado de S. Paulo.

O QUE ESTÁ POR TRÁS DISSO

Enquanto fechávamos esta edição, o governo costurava um acordo com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), a fim de dividir a grana do Orçamento impositivo. Mais uma prova de que o Executivo e o Legislativo, ou seja, Bolsonaro e Maia, não têm grandes diferenças quando se trata de política econômica. Por exemplo, Paulo Guedes apresentou as reformas da Previdência e trabalhista no Congresso e Maia foi fundamental para que fossem aprovadas.

Ao contrário do que afirmam os apoiadores de Bolsonaro, não é Rodrigo Maia e o Congresso Nacional que não

deixam Bolsonaro governar. Pelo contrário, o governo só consegue aprovar esses ataques por causa do Congresso. O que mostra que o verdadeiro alvo dessa ofensiva do governo por ditadura não é propriamente o Congresso Nacional. O que está no centro dessa movimentação são as nossas liberdades democráticas, ou seja, o direito da classe trabalhadora de organização, expressão e protesto.

UM PROJETO AUTORITÁRIO

O projeto político do governo Bolsonaro visa impor e aprofundar uma guerra social contra os trabalhadores e a entrega do país a Trump e aos Estados Unidos em benefício dos banqueiros e dos grandes empresários de forma autoritária. Para esse setor que está encastelado no governo, é melhor impor essa política sem que exista qualquer tipo de oposição e protesto. Ou seja, sem que haja manifestação nas ruas, greves etc.

A formação do Aliança faz parte desse projeto. É um partido de extrema direita que tenta organizar o núcleo mais duro do bolsonarismo, milicianos e setores direitistas da base das PMs e das Forças Armadas.

É preciso uma ampla unidade na luta entre todos os que são contra esse projeto autoritário, a fim de impedir que Bolsonaro, Mourão, Helo e sua corja avancem sobre as liberdades democráticas que conquistamos com muita luta contra a ditadura corrupta e entregista que tivemos no país.

para impor ditadura no!

DEBATE

Unidade para lutar, e não para conciliar com a burguesia nas eleições

Em sua viagem à França, Lula disse que “nós não podemos achar que nós podemos derrubar um presidente porque não gostamos dele”, referindo-se a Bolsonaro.

Mesmo quando Bolsonaro defende acabar com as liberdades democráticas e fechar o Congresso, Lula diz que devemos ficar quietos. Para Lula e o PT, não devemos tirar Bolsonaro e o seu governo, mesmo que a maioria já esteja contra ele, mas devemos esperar as eleições de 2022. Para ele, os trabalhadores têm de submeter-se a mais três anos de ataques, entrega do país, destruição do meio ambiente, genocídio indígena e todas as barbáries cometidas por esse governo. Como se isso não bastasse, propõe um projeto político e um programa que reeditam a conciliação

de classes do PT responsável pela atual situação.

É para isso que parte da esquerda defende uma frente ampla eleitoral. Trabalham para a construção de uma frente que une partidos como PT, PCdoB, PSOL com partidos burgueses. Um duplo erro: canalizar para as eleições as lutas com um programa de conciliação que não vai resolver em nada a crise capitalista para a classe trabalhadora.

FRENTE PARA LUTAR

Precisamos derrotar Bolsonaro e o seu projeto de ditadura já, nas lutas, e não esperar as eleições. Essa é uma necessidade que vai tornando-se cada vez mais urgente. Seu governo vem atacando as liberdades democráticas de forma sistemática. O que vai determinar se ele conseguirá ou não impor uma ditadura é o povo nas ruas e a



mobilização dos trabalhadores. Não podemos deixar a defesa das nossas liberdades nas mãos de Rodrigo Maia ou de setores das próprias Forças Armadas.

A classe trabalhadora e suas organizações devem estar à frente da luta em defesa das liberdades democráticas contra Bolsonaro, reunindo

todos os que estejam dispostos a lutar contra a ameaça de ditadura. Essa é a frente ampla que precisamos: unidade na luta.

CALENDÁRIO



18 DE MARÇO: TODOS ÀS RUAS!

No dia 27 de fevereiro, as centrais sindicais se reuniram para definir um calendário de lutas contra os ataques do governo, em defesa dos serviços públicos e contra a ameaça de ditadura. Além do 8 de março, o calendário aponta o dia 18, que já havia sido marcado como dia de luta e paralisação do setor público, com a ideia de ampliá-lo e transformá-lo num grande dia de protestos e greve.

- **8 DE MARÇO:** Dia Internacional de Lutas das Mulheres
- **14 DE MARÇO:** Dia de luta por Marielle Franco
- **18 DE MARÇO:** Dia Nacional de Lutas, Protestos e Paralisações

OPERÁRIOS E O Povo Pobre NO PODER

Por um governo socialista dos trabalhadores

A solução para os ataques que enfrentamos hoje caminham para uma mesma necessidade: tirar o governo Bolsonaro-Mourão de lá. Todas nossas reivindicações mínimas se batem contra esse governo. É preciso que a classe trabalhadora tenha consciência disso para dar uma saída à essa situação. Esse é o objetivo que o movimento tem diante de si para enfrentar a ofensiva sobre as liberdades democráticas, o desemprego, a privatização, a entrega do país,

a destruição do meio ambiente, o genocídio negro e indígena e toda a barbárie na qual nos afundamos dia após dia.

A solução não está nas eleições, nem em esperar 2022, nem num projeto como a reedição da conciliação de classes do PT que nos trouxe à situação em que estamos hoje, nem em “saídas” do sistema como Huck e Doria. Só vamos mudar de fato a nossa vida com mobilização, acabando com esse sistema e esse governo

dos ricos e construindo um governo da classe trabalhadora na luta. Um governo socialista dos trabalhadores, que governe baseado em conselhos populares, para garantir emprego, salário, terra; defender o meio ambiente, a soberania do país, os povos da floresta, a ciência, a cultura, a educação, a saúde e a mais ampla democracia para os trabalhadores, a juventude, as mulheres, os negros, os LGBTs e todos os oprimidos e o povo pobre.

GREVE DA PM

Sobre as mobilizações dos PMs do Ceará



RICARDO AYALA
DE SÃO PAULO (SP)

A mobilização de policiais e bombeiros militares do Ceará por aumento de salários terminou no décimo terceiro dia. Durante a paralisação, houve um aumento expressivo do número de homicídios no estado, uma forte sensação de insegurança durante o Carnaval (apesar da exibição de veículos blindados do exército com armamento pesado em pontos de Fortaleza) e, por outro lado, viaturas paradas, protestos de policiais e bombeiros, confrontamentos e uma forte repressão do governo.

O governador petista Camilo Santana (e seus aliados, em especial os pedetistas Ciro e Cid Gomes) adotou uma política de enfrentamento e de negar ao movimento o direito de protestar por melhores salários. Para reprimir, Camilo pediu apoio a Bolsonaro, que enviou tropas federais fortemente armadas para substituir os grevistas no policiamento da capital e, se necessário, conter o movimento. As declarações sobre a greve que vinham de todos os lados (Camilo Santana, Ciro Gomes, Sergio Moro e General Mourão)



taxavam a mobilização de "motim" e "illegal" e exigiam o seu fim sem contrapartida.

O fim da greve se deu após o governo do estado ceder sobre as punições e reabrir o ca-

nal de negociações salariais. No dia 1º de março, Camilo Santana encaminhou para a Assembleia Legislativa do Ceará uma proposta de alteração da Constituição estadual para

impedir a anistia de militares envolvidos em movimentos grevistas, só sendo obrigado a recuar nas punições pela força da greve – apesar de ainda seguir mantendo as ameaças.

DEBATE NACIONAL

A greve virou um debate nacional pela proporção que tomou, por abrir a possibilidade de movimentos grevistas de militares em outros estados e pela resposta que o PT e seus satélites deram ao movimento. A resposta do PT para a greve foi a de taxá-la de movimento de milicianos e fascistas, que pretendiam desestabilizar o governo "progressista" de Camilo Santana em ano eleitoral.

A natureza da discussão sobre esse assunto poderia ser resumida em dois fatores. Um de caráter menos conjuntural, sobre se os PMs têm direito a construir sindicatos e a se mobilizar como todo servidor público. Direito esse negado pela Constituição, que existe em vários países, entre eles os Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, ao estarmos sob o governo de Bolsonaro, cabe a pergunta: qual a relação entre as liberdades democráticas vedadas aos policiais militares com a luta contra a ultradireita no país e no interior dos corpos de repressão do Estado já que, sem dúvida, o bolsonarismo tem um peso importante no setor?

DEFESA DE QUAL ORDEM?

Suposta defesa da democracia com as leis da ditadura

Uma ação movida pela Associação dos Praças do Estado do Ceará pedindo o direito de expressão dos soldados foi revogada no dia 5 de fevereiro. O recurso impetrado pelo Estado negava aos praças o direito de se organizarem de forma democrática.

Os mesmos que impediram a livre expressão dos soldados foram os que logo fizeram uma campanha nacional taxando-os de milicianos. Se alguém parar um pouquinho para pensar verá

que os milicianos não lutam por aumento de salários. Sua renda vem da extorsão e da opressão das comunidades, dos assassinatos de aluguel. Moram em condomínios ricos na beira da praia. São o resultado da decomposição e da corrupção das polícias e dos que governaram e governam este país.

Os "democratas" se apoiam numa lei da ditadura militar para combater um pedido de liberdade de organização e expressão

de uma Associação dos Praças, que, segundo eles, não passam de meros "milicianos", uma calúnia para desqualificar um movimento legítimo.

Se estivéssemos diante de um motim de militares dirigidos pela ultradireita para desestabilizar um governo, seja do PT, seja do PSDB, estaríamos na linha de frente para combatê-lo. Para isso, Camilo deveria ter convocado a população cearense a sair às ruas. Mas, ao contrário, Camilo

se apoia no governo de Bolsonaro para combater os grevistas.

Não apoiamos qualquer greve. Se a ultradireita supostamente mobilizasse a PM tendo como centro o ataque às liberdades democráticas, estaríamos na primeira linha junto com quem fosse para combatê-los, inclusive fisicamente. No caso da greve em questão, porém, estavam jogando a Força Nacional, o Exército, o governo do Estado e o governo autoritário de Bolsonaro contra

o direito de greve, de livre manifestação e de reivindicação dos policiais, apoando-se num resquício da ditadura que é a militarização das PMs.

ORGANIZAÇÃO SINDICAL

A criminalização das associações de praças por estes "democratas" de ocasião, apoiados no Ministério Público, é digna de nota. A ação que foi protocolada pelo Ministério Público Estadual no dia 17 de fevereiro é uma



verdadeira lição de “democracia” ao contrário.

Segundo o jornal O Povo, estes dignos representantes do Estado, com amplos direitos de or-

ganização e expressão, alegam os seguintes crimes contra as associações dos policiais: “Elementos de convicção colhidos diretamente pelos promotores

(...) indicam que os presidentes das associações demandadas estariam participando ativa e diretamente de várias reuniões com representantes do Governo do Estado do Ceará para negociar uma pauta de reivindicações salariais de suas respectivas categorias, agindo como se fossem verdadeiros dirigentes sindicais.” E segue: “Segundo o órgão, as associações estariam realizando atividades típicas de representação sindical e mobilizando as respectivas categorias para participar de atos públicos.” É esse o crime hediondo típico das milícias cometido pelas associações?

A estrutura militarizada da polícia com seus códigos disciplinares e com uma estrutura de carreira que privilegia que

altos mandos venham das classes altas, tem como objetivo impedir que os soldados questionem, pensem e possam tomar decisões. É possível enxergar as mãos dos soldados que disparam contra os jovens em Paraisópolis, mas nunca os mandantes de tamanho crime. Tampouco no interior dessa ordem é permitido qualquer questionamento.

DESMILITARIZAÇÃO DA PM

A desmilitarização da Polícia Militar é um dos profundos problemas democráticos não resolvidos no Brasil. O direito de organização – de construir sindicatos – é a base do livre direito de expressão para questionar as atrocidades que a cúpula ordena. É a militarização que impõe não somente um código de disciplina

militar, mas também a autonomia para o “adestramento” dos soldados de acordo com o código racista e que impede qualquer tipo de interferência social nos padrões da polícia.

O PT, que governou este país por mais de uma década, deixou intacta essa estrutura herdada da ditadura. Foi incapaz de enfrentar a hierarquia das PMs e gerar um movimento que cumprisse essa tarefa democrática elementar. Se isso fosse pouco, foi o criador da Força Nacional de Segurança para atuar como força repressiva de elite do Estado com salários mais altos quando a cadeia hierárquica se rompe na ponta do sistema. Foi também sob os governos do PT que foi aprovada a portaria de Garantia de Lei e Ordem (GLO).

LIMITES

A ultradireita, as milícias e a greve



A influência do bolsonarismo entre os Policiais Militares é inegável. Para além do momento eleitoral, Bolsonaro deixou a PM fora da reforma da Previdência, além do discurso dirigido aos policiais militares, impulsionando o papel de capitão-do-mato que estes homens e mulheres devem desempenhar no meio da degradação social promovida pela própria classe dominante brasileira, de quem Bolsonaro é um fiel servidor.

Digamos, porém, que a direção das associações sejam bolsonaristas ou até mesmo milicianas. O que não se en-

tende é por que fecharam o acordo com o governo e em seguida foram atropeladas pela base, fato divulgado até mesmo pela imprensa.

Estamos agora diante do seguinte paradoxo: os policiais que Ciro Gomes chama de milicianos serão combatidos pelo governo Bolsonaro, o qual tem suas relações com a milícia estampadas em todos os jornais. Assim, o PT e o PDT, vão aliar-se à ultradireita para combater a ultradireita. O resultado dessa política acabará abrindo o caminho para o ultradireitista deputado federal Capitão Wagner

(PROS), candidato à prefeitura de Fortaleza.

A contradição que está imersa em Ciro e Camilo é uma contradição de classe. Como democratas, devem combater a direita, mas o limite de sua democracia está nos interesses de classe que defendem.

Aplicar a reforma da Previdência e isentar em mais de um bilhão de reais de impostos as grandes empresas no Ceará são seus conceitos de democracia. Por isso capitulam ao governo Bolsonaro e são obrigados a recorrer a ele para manter a ordem.

Romper com a hierarquia militar

Você que está lendo esta matéria e que já foi reprimido pela PM – como os servidores de São Paulo na ALESP ou na reintegração de posse da ocupação Monte Horebe em Manaus – pode estar se perguntando se é correto se solidarizar com policiais quando eles lutam pelos direitos deles.

A hierarquia militar é um dos pilares da PM. Porém no interior da PM, como na sociedade, existem classes: a dos oficiais e a dos praças. Os praças vêm dos estratos mais pobres da sociedade, ao contrário dos oficiais.

Ao se incorporarem à PM, a maioria dos soldados leva consigo a ideia de que a polícia existe com a finalidade de prestar segurança e é adestrada para cumprir ordens com uma disciplina militar. Quando os praças realizam qualquer mobilização pelos seus direitos, são considerados criminosos, rompem a disciplina e a hierarquia. E o mais importante: colocam-se na mesma situação dos trabalhadores que reprimem.

Nesse momento, existe a possibilidade de disputar a consciência dos praças, demonstrando que o seu trabalho consiste em manter um sistema que explora, opriime e extermína a população pobre e trabalhadora. A luta contra a ultradireita bolsonarista no interior da polícia deve demonstrar aos praças que eles estão sendo utilizados como bucha de canhão para manter os privilégios dos oficiais e os lucros dos patrões.

Para os demais trabalhadores, abre-se um tema crucial: se os policiais que os reprimem sofrem agressão do Estado, o legítimo direito à autodefesa quando reprimidos pela PM também aparece como uma necessidade.

ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Trump versus Sanders?



ALEJANDRO ITURBE
DA LIT-QI

En quanto fechávamos esta edição, ainda não eram conhecidos os resultados da chamada Super Terça (votação em 14 estados) nas eleições primárias que definem os candidatos dos tradicionais partidos burgueses imperialistas – Republicano e Democrata – à presidência dos Estados Unidos.

Ambos os partidos expressam coalizões de diferentes setores burgueses e imperialistas e, ao mesmo tempo, têm bases sociais eleitorais diferentes. Os republicanos têm como base o eleitor branco de classe média, com muito peso no interior e de perfil reacionário. A base democrata é a classe operária e as minorias, fundamentalmente negros e latinos. Com seu discurso ao mesmo tempo reacionário e populista de “América first” (Estados Unidos em primeiro lugar), Trump conseguiu quebrar parte dessa hegemonia entre os operários brancos e derrotar Hillary Clinton em 2016.

Nestas primárias, no caso dos republicanos, é praticamente certa a nomeação de Donald Trump, que se fortaleceu por derrotar o processo de impeachment contra si no Senado e por uma situação econômica que, por ora, se mantém estável. Para o espanto de muitos, não se pode descartar que seja reeleito.

Um dos fatores a favor de Trump é a crise que o Partido Democrata vive em sua candidatura. O homem apoiado pelo aparato partidário é Joe Biden, ex-vice-presidente de Barack Obama. Mas seu pouco carisma, o desgaste eleitoral dos democratas e as denúncias de corrupção empresarial no exterior contra seu filho estão impedindo que deslanche nas primárias. Pelo menos até a última eleição realizada na Carolina do Sul, com um apoio massivo da base eleitoral negra,



permitiram a ele “reviver” e chegar com expectativas à Super Terça.

Como seu principal adversário dentro do partido, aparece o senador de Vermont Bernie Sanders, de 78 anos, que se autoapresenta como “socialista-democrático”, critica o capitalismo e propõe medidas como serviço de saúde gratuito para todos (num país no qual esse item é um dos mais caros do mundo) e corte do poder econômico e político das grandes empresas e dos bancos.

Ainda que sem aparecer como tal, Sanders não é na realidade um outsider do sistema político burguês. Sua função no sistema é utilizar um discurso de esquerda para canalizar um setor da base eleitoral democrata que também se radicaliza e é cada vez mais cético com esse sistema político e com o próprio capitalismo e assim evitar que rompa com seu partido. Seu papel não é impulsionar o socialismo, mas o contrário, evitá-lo.

No entanto, independentemente do verdadeiro papel político de Sanders, o certo é que esse discurso vem permitindo que ele ganhe um grande espaço entre os trabalhadores, as minorias e, essencialmente, entre a juventude.

O FIM DO “SONHO AMERICANO”

Isso se deve ao fim do chamado “sonho americano”, há décadas, aquele no qual se cria a ideia de que, com trabalho duro e esforço, toda fa-

mília de trabalhadores pode melhorar cada vez mais seu nível de vida. Essa ilusão já não pode sustentar-se nem ser vendida às massas.

No país mais rico do mundo, em 2017, as estatísticas estimaram que mais de 13% da população vivia abaixo da linha da pobreza (US\$ 23 mil de renda anual para uma família de quatro pessoas). Falamos de quase 41 milhões de pessoas no total, mas a porcentagem é muito maior nas comunidades negras e latinas.

É necessário ressaltar que o índice de pobreza é mais que o triplo do percentual de desemprego nesse mesmo ano (que havia caído para pouco mais de 4%). Para milhões de famílias, ter um emprego estável e receber um salário não é suficiente para não ser pobre.

Um setor das massas cada vez acredita menos no sistema. Por isso, aumentam as greves e as lutas. Um setor da população se radicaliza politicamente e se expressa eleitoralmente no apoio a Sanders e a seu discurso socialista. Como tal, esse fenômeno é muito progressivo, ainda que Sanders pretenda levá-lo a uma via morta.

O problema é que, para o aparato democrata (e o setor da burguesia imperialista que o controla), Sanders é um “dique de contenção” e não o candidato que querem (este é Joe Biden). Entre outras coisas, porque, se Sanders ganha a presidência, as massas podem exigir que cumpra suas promessas “socialistas”. Por isso estão fazendo o impossível para que isso não aconteça.

Tal como dissemos, não conhecemos os resultados das primárias democratas na Super Terça e que dinâmica dará ao processo. No entanto, esta breve análise sobre o que expressa o protagonismo de Bernie Sanders é válida para qualquer das alternativas possíveis.

BOLÍVIA

Do golpe às eleições, uma única intenção: aplicar o ajuste contra os trabalhadores



LUCHA SOCIALISTA

Oito candidatos, incluindo o MAS, inscreveram-se para as eleições nacionais que acontecem em 3 de maio. Assim, o período da campanha eleitoral foi aberto, com a pretensão de apresentar que tudo volta ao normal na Bolívia. No entanto, estas eleições coroam o golpe violento, imposto por meio de massacre, que derrubou o governo de Evo Morales em novembro de 2019 e, como tal, têm sua marca de repressão e ilegitimidade impregnada.

Com as eleições, pretende-se deixar impunes as mais de trinta mortes que ocorreram nos massacres de Senkata e Sacaba. Até o momento, ainda não foram investigados e menos ainda identificados os respon-



sáveis por ordenar e executar a repressão policial militar que causou mortes e dezenas de feridos. Por outro lado, foram iniciados processos legais contra

as pessoas detidas durante o conflito, muitos deles ainda vão ter que enfrentar longos e dispendiosos julgamentos numa situação indefesa.

Os grupos de ativistas independentes que realizaram campanhas de solidariedade em favor das famílias e vítimas dos massacres tiveram seus líderes

detidos ilegalmente sob acusação de conspiração.

Por outro lado, as condições de liberdade de expressão foram restrinvidas e qualquer crítica ao governo e ao golpe é censurada de forma explícita. Existem vários casos de jornalistas e intelectuais que fizeram declarações públicas chamando os eventos de novembro de golpe de Estado que foram desvinculados dos meios em que publicavam.

ELEIÇÕES

Tudo isso demonstra que o processo eleitoral não é uma expressão de liberdade e participação política. Pelo contrário, são eleições amordaçadas e direcionadas. Por exemplo, a candidatura de Evo Morales está a proscrição, impedido de ser candidato a presidente ou vice-presidente.

JOGANDO O JOGO

MAS e Evo em colaboração com os golpistas



Como no momento do golpe, o MAS e Evo agem com um duplo discurso, denunciando, por um lado, a falta de condições das eleições, mas, por outro, sendo os dois terços da maioria parlamentar do MAS que tornou possível a lei da convocação com as regras atuais do jogo.

Diante do pedido de mobilização dos setores sociais que apoiam esse partido, para defender a candidatura de Evo, o mesmo correu para dizer que não convocaria mobilização e apenas contestaria por canais legais.

A BURGUESIA DIVIDIDA E CONFRONTADA

Havia expectativa de que os partidos e setores golpistas, que conseguiram agir coordenada-

mente em novembro, chegariam a um acordo para se apresentar nas eleições com um único bloco. Mas isso não ocorreu.

A falta de acordos para apresentar uma única candidatura revela, por um lado, o estado de divisão e confronto entre as facções da burguesia boliviana sobre como assaltar as receitas do Estado e sobre quando e a favor de qual facção burguesa devem ser apli-

cadas as medidas de ajuste na política econômica boliviana. O que evidencia que o golpe foi apenas uma questão de negócios.

É evidente que para isso se apoiou no crescente descontentamento contra o governo Evo e suas atitudes autoritárias, o que permitiu à burguesia disfarçar seus interesses com discursos para recuperar a democracia e o respeito pelo voto.

O CAMINHO É A LUTA

Não à trégua eleitoral aos golpistas

Os líderes da Central Obrera Boliviana (COB), as federações de trabalhadores da mineração, as fábricas, o movimento camponês e outros setores populares de fato concederam uma trégua ao governo golpista e pretendem estendê-la ao longo do período eleitoral. Em vez disso, deviam unificar e preparar um plano para lutar, exigir e defender o emprego, a defesa da distribuição de terras e das empresas estatais.

As direções, que em sua maioria respondem principalmente ao MAS, estão freando a luta com o objetivo de apoiar a campanha eleitoral do partido para tentar se livrar das acusações feitas pelos golpistas de que o MAS usa a mobilização para colocar o país em conflito e assim mostrar um perfil de con-

ciliação e paz social. Com essa atitude, estão colocando em risco as conquistas do movimento operário e possibilitando ao governo golpista avançar com os ataques aos direitos sociais.

É um erro esperar que passem as eleições. A unidade e a luta devem ser reativadas agora. É urgente exigir e impor à burocracia da COB um plano de luta por aumentos salariais, em defesa das empresas estatais, da terra e do emprego já.

**LEIA O ARTIGO
COMPLETO EM:**



ENTREVISTA

“Meu pai teve o direito de ir para o trabalho, mas não pra voltar”



CYRO GARCIA
DO RIO D JANEIRO (RJ)

Marcos Guimarães da Silva, 51 anos, foi assassinado no dia 16 de janeiro pela PM no morro do Vidigal enquanto voltava do trabalho em um supermercado. Depois de ser morto, foi roubado e ainda foi chamado de bandido pela polícia que o acusou de ter ficha criminal, o que não foi confirmado pela Justiça. Leia abaixo a entrevista com sua filha, Joice Sabino da Silva, moradora do Vidigal, que nos contou toda a história – infelizmente, mais uma entre tantas tragédias provocadas pela política genocida do governo Witzel – e a luta de sua família por justiça.

Fale um pouco sobre como era o seu pai e a relação dele com a comunidade.

JOICE SABINO DA SILVA – Meu pai trabalhava há 30 anos no Pão de Açúcar, que antigamente era Sendas, e há uns 15 anos na praia. Tenho mais recordação do meu pai trabalhado do que dentro de casa. Quando ele chegava em casa, tomava o banho e ia deitar e dormir pra trabalhar no outro dia.

O que aconteceu nesse dia em que seu pai foi vitimado pela ação da polícia?

JOICE – Eu recordei que acordei uma cinco e pouco da manhã e escutei muito tiro. Era calibre grosso. Sempre quando eu escuto tiro eu batia no quarto da minha mãe pra ver se ele estava acordado. Bati e minha mãe não atendeu. Passou um tempo, eu estava acordada, minha mãe acordou e meu pai também. Aí ele desceu pra trabalhar, e eu falei: “pai, tá tendo muito tiro”.

Era operação policial no Vidigal. Mas ele desceu pra trabalhar. Minha mãe ligou



pra ele, e umas três e pouco [da tarde] ele ligou dizendo que teria que ficar mais tempo no mercado.

Ele saiu de lá e foi fazer uma compras pra gente. O comentário era de que a operação tinha acabado que os dois caveirões tinham descido, aí o morro fica tranquilo. Eu tava na frente da minha casa quando escutamos os tiros. Foram muitos tiros. Ficamos assustados e entramos pra dentro de casa. Aí deu cinco horas, deu seis, sete horas e nada do meu pai chegar. Então liguei pra ele e perguntei onde tava. Aí uma voz falando assim: “traz dinheiro que eu tô baleado”. Eu respondi que não tinha dinheiro. Como estava no alto-falante, minha escutou e disse pra desligar, que deveria ser trote.

Alguns minutos depois eu liguei novamente, aí a outra voz disse: “venha reconhecer

o corpo que tá aqui no IML”. Desliguei novamente [achando que era trote]. Mas liguei pra minha irmã e a gente correu pro [hospital] Miguel Couto. E lá eu reconheci o corpo do meu pai. Sumiu tudo do meu pai, celular, documento, o tênis, o relógio.

Os moradores que testemunharam o ato disseram que eles [os policiais] deram muito tiro pro alto, e quem botasse a cara pra fora ia levar tiro. A gente conseguiu enterrar o meu pai com a certidão de nascimento, eles tiraram tudo dele. Além de matar meu pai, eles roubaram ele.

Além do seu pai, teve outro trabalhador que foi morto que era porteiro. Você conhecia ele?

JOICE – Não. Conheci a família dele lá no IML. Ele [o pai da outra vítima] viu a mi-

nha situação, falou que era filho único, que tinha perdido a mãe quando era criança. Ele deixou um filho de dois anos para criar.

Como é para sua família essa covardia. Primeiro, eles mantam à bala, depois matam a reputação. Com esse discurso que houve troca de tiro, no qual todos são suspeitos e todo mundo é bandido. Como que é isso para a família?

JOICE – Não teve nem tempo de o meu pai reagir. O tiro fatal foi aqui [aponta para a nuca]. A gente ficou sem chão quando meu pai morreu, porque ele era a base da nossa família. Ficamos mais sem chão ainda quando falaram que meu pai tinha sido preso. A gente ficou horrorizado, a gente quer justiça.

Como está a situação hoje, tem inquérito aberto?

JOICE – Minha mãe foi na Comissão dos Direitos Humanos e arrumou um defensor público. Lá a gente foi ouvida, mas depois disso não teve mais nada. A delegada diz que tá correndo [o processo], mas só Deus mesmo...

Qual é o principal desejo da família hoje?

JOICE – Minha mãe não consegue falar hoje. Então eu falo por mim e por toda minha família. Nós queremos justiça, que a justiça do homem seja feita. Pode demorar o tempo que for. Quero que limpem o nome do meu pai. Ele sempre foi trabalhador, um homem do bem. Teve o direito de ir para ao trabalho, mas para vir não teve.

É muito fácil dizer que vai acabar com o crime organizado ocupando uma favela. Mas por que em vez de botar polícia na favela, não bota na fronteira? Pra arma chegar na favela ela vem no avião, nos navios. É muito fácil chegar na favela e dar tiro na cabeça. O governador tá com a filha dele de 9 anos. E a minha irmã? Ela tem a mesma idade da filha dele.

É muito fácil matar um pobre, simular que ele é bandido, que ele foi preso com uma arma, uma droga. Eu quero a justiça, a justiça dos homens. Pode tardar, mas eu quero que seja feita.

É muito fácil chegar lá [na favela] e matar. Você não vê isso no Leblon, eles têm o direito de ir e vir. Nós da favela queremos o mesmo direito. Nós da favela não temos nada. Não temos um curso, não temos saúde, não temos educação. Eles só mandam a polícia subir na favela pra dar tiro na cabeça conforme vi na TV, os policiais não usam nem mais algema. Só sobe o morro pra matar.

mural

KATHERINE JOHNSON

Adeus à mulher das estrelas

Sua história era pouco conhecida, mas seu papel foi fundamental em um dos maiores feitos da ciência moderna: a chegada do primeiro homem à Lua. Katherine Johnson, uma das matemáticas da NASA, morreu no dia 24 de fevereiro, aos 101 anos. Sua história ganhou as telas do cinema com *Estrelas além do tempo* (2017), dirigido por Theodore Melfi. O filme conta a saga pioneira de três cientistas negras durante a chamada corrida espacial na década de 1960. “O senhor me diz quando e onde quer que aterrissse [a nave], e eu lhe direi onde, quando e como lançá-la”, disse numa ocasião a cientista Katherine Johnson.

Quando se apresentou para fazer o seu trabalho, foi confundida com a funcionários da limpeza por outro engenheiro da NASA, numa época em que o racismo nos Estados Unidos era brutal. Era o tempo das leis segregacionistas adotadas em vários estados do país. Até 1958, ela e outras cientistas negras trabalhavam num escritório separadas dos brancos. Também usavam outro refeitório e banheiros diferentes. Mas aqueles tempos também ficaram



marcados pela ação do movimento negro, liderado por Malcolm X e Martin Luther King, entre outros, que começaram a derrubar as leis segregacionistas.

Porém a dupla discriminação que Johnson sofreu durante décadas por ser mulher e negra não a impediu de realizar um trabalho fundamental na missão Apolo 11. Por trás da histórica aterrissagem, da famosa frase de Neil Armstrong e do re-

torno seguro dos astronautas, estavam os seus cálculos. Foi ela que calculou as trajetórias dos foguetes e as órbitas terrestres. E o trabalho era feito na mão. Usava régulas de cálculo, papel quadriculado e calculadoras de escritório.

O legado da sua contribuição derrubou as barreiras raciais e sociais numa “época em que os computadores usavam fraldas”, como ela costumava dizer.

NÃO VALE NADA

Mais um crime cometido pela Vale

Um navio da Vale com mais de 294 mil toneladas de minério afunda no oceano a 100 quilômetros do litoral do Maranhão. A embarcação também carrega mais 3,5 mil toneladas de óleo residual e 140 toneladas de óleo destilado.

O navio que está encalhado é de propriedade da empresa sul-coreana Polaris Shipping. A mesma empresa é dona de outro navio, o Stellar Daisy, que naufragou no Oceano Atlântico em 2017 após ter sido carregado no Terminal Marítimo da Ilha de Guaíba que pertence à mineradora, na Ilha de Guaíba, no Rio de Janeiro.



WAIMIRI ATROARI

Deputado que atacou Terra Indígena ficou rico na política



A cena é odiosa, mas também ridícula. Um vídeo mostra o deputado estadual Jefferson Alves (PTB-RR) cortando uma corrente que protegia a Terra Indígena Waimiri Atroari com uma motosserra em Roraima. Depois da ação, o deputado foi para a frente da câmara elogiar Bolsonaro, dizendo que era seu apoiador: “nunca mais essa corrente vai deixar o meu estado isolado. Presidente Bolsonaro, é por Roraima, é pelo Brasil. Não a favor dessas ONGs. Nunca mais.”

Jefferson Alves teve um aumento inexplicado de patrimônio de 450% em dois anos. Candidato a prefeito de Boa Vista pelo PDT em 2016, Alves tinha um patrimônio de R\$ 300 mil. Em 2018, ele foi eleito deputado estadual pelo PTB, e sua declaração de bens registrou R\$ 1,6 milhão. Só em cabeças de gado, ele passou a deter o equivalente a R\$ 625 mil.

Há motivos de sobra para o deputado (que enriqueceu na política e comprou gado) querer invadir a terra dos waimiri atroari. Outro detalhe importante é que o deputado pecuarista não tem uma fazenda sequer. O gado fica numa fazenda chamada Menininha do Kanto A, aponta-

da por ele como propriedade de outra pessoa. O deputado da motosserra se nega a dizer onde ela fica.

Os waimiri atroari são um dos povos indígenas mais massacrados pela ditadura militar. Segundo a Comissão da Verdade, durante a ditadura, ao menos 8.350 indígenas foram mortos em massacres. Entre eles, 2.650 eram waimiri atroari, que até aquela época viviam isolados. A ditadura planejou três grandes empreendimentos nas suas terras: a Rodovia BR-174, a instalação de uma mineradora em Pitinga (do grupo Paranapanema) e a desastrosa construção da Usina Hidrelétrica de Balbina (concluída em 1987), que hoje não produz quase nada de energia.

Eles foram massacrados pelo exército, que usou aviões, bombas, helicópteros, metralhadoras e fios elétricos. A descoberta do Relatório Figueiredo, documento de mais de sete mil páginas produzido em 1967 pelo procurador Jader de Figueiredo Correia a pedido do ministro do Interior, foi essencial para confirmar os crimes cometidos na época contra os povos indígenas do país, em particular contra os waimiri atroari.

CHICO SCIENCE

“São Demônios os que destroem o poder bravio da humanidade”

JEFERSON CHIMA
DA REDAÇÃO

Dando vivas a “Zapata, Zumbi e a todos os Panteras Negras”, era lançado em 1994 o álbum *Da Lama ao Caos*, o primeiro da banda pernambucana Chico Science & Nação Zumbi. Considerado um clássico da música brasileira, o trabalho apresentou um som totalmente inovador. Mesclando maracatu, embolada, coco, capoeira, guitarra elétrica e sintetizadores eletrônicos, criou um novo ritmo, desafiando as repetições do rock e da música pop nacional, que muitas vezes fizeram as bandas brasileiras parecerem cópias mal-feitas dos seus originais americanos e ingleses.

Eram tempos do mangue beat, um movimento de contracultura surgido nas ruas de Recife (PE) no início daquela década. Chico Science, ao lado de talentos como Fred Zero Quatro, Renato L., Mabuse e Hélder Aragão, entre outros, foi um dos idealizadores do movimento.

O mangue beat brotou da lama dos manguezais recifenses, cujo símbolo da realidade cotidiana são os “homens caranguejos” – termo emprestado do título do livro escrito pelo geógrafo Josué de Castro (*Homens e caranguejos*, 2001) sobre a realidade de milhões de famintos que cavavam o crustáceo na capital pernambucana. Esse movimento tão vigoroso contaminou outras formas de expressão cultural, como o cinema, a moda e as artes plásticas.

CARANGUEJO CEREBRAL

Nascido em Olinda (PE) em 13 de março de 1966, Chico Science sempre será lembrado como a principal expressão do movimento. Nos anos 1980,

Science teve contato com a cultura produzida nas periferias de Recife. Passou por estilos como hip hop, soul e ska até fundi-los no maracatu. Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, música de rua, conflitos étnicos “e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência”, como dizia o manifesto *Caranguejos com cérebro*, escrito por ele e Fred Zero Quatro.

Inclusive o apelido “Science” (ciência) foi dado por um amigo ao vê-lo realizar tantas experiências musicais. Experiências inseridas na melhor “tradição” antropofágica, cuja ideia é que a única forma de constituir uma identidade própria sem submeter-se aos padrões impostos pelos setores dominantes é agindo como canibais, ou seja, alimentando-se da força e da energia

do outro para criar algo novo.

Suas letras e canções sempre denunciaram a situação de pobreza dos trabalhadores e da juventude de Recife e apontaram a necessidade de lutar pela transformação dessa realidade. Chico Science foi fundo nisso. O refrão “e com o bucho mais cheio comecei a pensar / Que eu me organizando posso desorganizar” soa como combustível para lutar e virar pelo avesso a sociedade.

Em “Banditismo por questão de classe”, Science começa com a proclamação de que o “homem coletivo sente a necessidade de lutar”. Além disso, faz uma analogia entre o “banditismo por necessidade”, do cangaço de Virgulino Ferreira, e os modernos “lampiãoes”, levados ao crime pela

sociedade dividida em classes “pra comer um pedaço de pão todo fodido”. Tudo isso se passou num tempo em que o neoliberalismo era apresentado como mais uma porta mágica que conduzia o Brasil à modernidade. Eram tempos em que não estava na moda falar em “luta de classes”, condenada por pseudointelectuais a ser uma “peça de museu”, enquanto a miséria se alastrava pelas periferias de todo o país.

CENSURA

Até hoje “Banditismo por questão de classe” provoca a fúria e o ódio dos reacionários e de seus lacaios fascistas. No carnaval, bolsonaristas da Polícia Militar de Pernambuco proibiram a banda Janete Saiu pra Beber de tocar a música e ameaçou seus integrantes de prisão. A banda Devotos também sofreu censura durante apresenta-

ção na terça-feira de carnaval. Um absurdo completo, sinal dos tempos em que um presidente defende de forma explícita o genocídio do povo pobre e negro das periferias, sem mencionar os indígenas. “Em cada morro uma história diferente, que a polícia mata gente inocente”, diz a letra de Science. Esse é o lema hoje desse governo e de sua horda.

UM HINO DE RESISTÊNCIA

“É de tiro certeiro, meu irmão, como bala que já cheira sangue, quando o gatilho é tão frio quanto quem tá na mira”.

Hoje Chico Science teria motivos de sobra para continuar cantando sobre a barbárie social que toma conta do país. Mais do que nunca, suas canções soam como um hino de revolta contra a família Bolsonaro e seu projeto de ditadura para transformar o país numa colônia dos gringos. Mas nem esse governo estúpido nem suas hordas fascistoides calarão as milhares de vozes que cantam e sempre cantarão as músicas de Chico Science em carnavales, protestos e mobilizações. Os demônios não vão destruir o poder bravio da humanidade.

ASSISTA

Chico Science, Um caranguejo elétrico

Dir.: José Eduardo Miglioli Junior
Documentário (2016)



[HTTPS://YOUTU.BE/
J299EBU-UNQ](https://youtu.be/J299EBU-UNQ)

